

O ÓBICE DA PERCEPÇÃO: UMA RESPOSTA DAS INVESTIGAÇÕES LÓGICAS DE EDMUND HUSSERL AO PROBLEMA DA RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E PERCEPÇÃO EM ERNST MACH

Ricardo Nachmanowicz¹

Resumo

O artigo procura confrontar uma sutil diferença de abordagem entre a fenomenologia e o fenomenismo sob as figuras respectivas de Ernst Mach e Edmundo Husserl. O centro dessa discussão acontece sob o tema da percepção, mais especificamente, sobre o grau de presença ou ausência da atuação de funções lógicas em meio a experiência perceptiva. Concluímos que tal sutilidade esconde grandes diferenças epistemológicas no que diz respeito às concepções das funções cognitivas mas sobretudo ao grau de importância conferida às descrições das vivências dadas em cada proposta.

Palavras-Chave: Fenomenologia. Fenomenismo. Ernest Mach. Edmund Husserl.

Abstract

The article seeks to confront a subtle difference in approach between phenomenology and phenomenalism under the respective figures of Ernst Mach and Edmund Husserl. The center of this discussion takes place under the theme of perception, more specifically on the degree of presence or absence of performance of logic functions in the perceptual experience. We conclude that such subtlety hides great epistemological differences with regard to the concepts of cognitive functions but above all the degree of importance given to the descriptions of the experiences in each proposal.

Palavras-chave: Fenomenologia. Fenomenism. Ernest Mach. Edmund Husserl.

Fui, assim, adquirindo, pouco a pouco, tal habilidade em contar que, por vezes, num relance calculava sem erro o rebanho inteiro. Não contente com isso passei a exercitar-me contando os pássaros quando, em bandos, voavam, pelo céu afora. Tornei-me habilíssimo nessa arte. Ao fim de alguns meses – graças a novos e constantes exercícios – contando formigas e outros pequeninos insetos, cheguei a praticar a proeza incrível de contar todas as abelhas de um enxame! Essa façanha de calculista, porém, nada viria a valer, diante das muitas outras que mais tarde pratiquei! (Malba Tahan, *O homem que calculava*. p. 7).

Beremiz Samir, o responsável por essa descrição auspiciosa de sua própria capacidade perceptiva em identificar quantidades, conflui duas potências altamente desenvolvidas em seu espírito, a da matemática e a da percepção visual. Essas potências, juntas parecem capazes de proezas que se situam entre mistérios muito requeridos pela filosofia, um reduto capaz de confundir a lógica da natureza com a natureza da lógica humana, tornando-as tão próximas

¹ É doutorando em filosofia pela UFMG, mestre em filosofia da arte pela UFOP e mestre em Música pela UFMG (ricnach@gmail.com).

quanto possível. De acordo com o próprio personagem, como podemos ler, seu talento adveio da percepção constante, do treino e da observação atenta das formas, tal como narrou a seu companheiro de viagem, que pôde mais a frente lhe interrogar, já com a resposta de pronto:

- O cálculo que aplicas com tanto brilho e oportunidade, como foi aprendido? Bem sei, ó calculista, entre pastores persas, contando ovelhas, tâmaras e bandos de aves em vôo pelo céu... (Malba Tahan, *O homem que calculava*. p.43)

Para o espanto de seu interlocutor, Beremiz Samir havia omitido uma informação sobre sua formação enquanto homem de cálculo:

- Estás enganado, bagdali – reconsiderou, com serenidade, o calculista. – Ao tempo em que eu vigiava os rebanhos de meu amo, na Pérsia, conheci um velho dervixe chamado Nô-Elin [...] Depois das lições que recebi desse mestre, sinto-me capaz de ensinar Geometria até o último livro do inesquecível Euclides, o alexandrino. (Malba Tahan, *O homem que calculava*. p.46)

As habilidades perceptivas descritas como sendo de Beremiz Samir são inquestionavelmente fruto de sua dedicação à observação, porém, ao que tudo indica, suas habilidades matemáticas não derivam diretamente dessas da observação, foi preciso que um geômetra o ensinasse relações de outra ordem para que pudesse associar números à sua capacidade perceptiva, onde tal associação ainda detém muito mistério em sua consecução.

Em analogia com essa história instigamos um debate entre Ernst Mach e Edmund Husserl acerca da capacidade de nossas faculdades perceptivas em relação epistemológica com conteúdos de caráter ideal, mas ao invés de recorrermos aos entes matemáticos², recorreremos àqueles exemplificados tipicamente na linguagem.

Ernst Mach, mais inclinado às competências da percepção, advoga uma epistemologia centrada na noção de *sensação*³, onde a potência linguística ocupa uma posição bastante diminuta. Mach também é conhecido pelo emprego de uma metodologia original de

² Optamos por não trabalhar diretamente com o problema da fundamentação da matemática, um tema rico, ao qual Husserl dedicou seus primeiros trabalhos culminando em *Filosofia da Aritmética* (1891). Seguimos o encaminhamento subsequente de Husserl nos *Prolegômenos à lógica pura*, que se debruça sobre o arcabouço lógico a refutar seu antigo fundamento psicologista. Nem por isso Husserl passou a advogar o logicismo na conseguinte *Investigações Lógicas*, seu interesse por questões epistemológicas faz com que concorra com um novo fundamento, nem psicologista, nem logicista, o qual queremos expor uma parcela de sua gênese.

³ “The assertion, then, is correct that the world consists only of our sensations. In which case we have knowledge *only* of sensations, and the assumption of the nuclei referred to, or of a reciprocal action between them, from which sensations proceed, turns out to be quite idle and superfluous. Such a view can only suit with a half-hearted realism or a half-hearted philosophical criticism.” (MACH 1897, 10)

investigação científica conhecida como fenomenismo, síntese de seus conhecimentos em psicologia descritiva, fisiologia, ciência e filosofia. A posição de Mach estaria mais próxima à hipótese que o *bagdali* vislumbrava sobre seu amigo, de que tudo poderia ser deduzido da percepção e do treino.

Edmund Husserl inclina-se às competências mais gerais da consciência, na qual se incluem a ordem lógica, linguística, perceptiva e intuitiva, porém, apresenta um interesse maior nos fenômenos lógicos/linguísticos. A posição de Husserl estaria mais próxima à narrativa de Beremiz, na qual nossas habilidades se desenvolvem no encontro das potências perceptivas com as lógicas ou ideais. Husserl é também conhecido por adotar uma metodologia conhecida como fenomenologia, uma reformulação e ampliação dos princípios fenomênicos de Mach. Em conflito com o método fenomênico e com a psicologia descritiva, a fenomenologia advoga autonomia das vivências imanentes, da lógica e dos atos linguísticos, retirando qualquer possibilidade de seus conteúdos poderem ser reduzidos a percepções e sensações.

Observando ambos os projetos de maneira bastante geral é possível dizer que se diferenciam menos em virtude da presença ou ausência da atuação de funções lógicas em meio a experiência perceptiva do mundo do que pela influência que essas funções exercem no estabelecimento de um conhecimento. A principal diferença reside na fundamentação epistemológica; das funções cognitivas de síntese, abstração e pensamento. Tendo em vista a pouca divulgação da filosofia de Ernst Mach, faremos, a título de contextualização, uma pequena exposição de seus principais argumentos na obra *Contribuições à análise da sensação*. Em seguida passaremos para o confronto proposto.

I

Um bom modo de nos aproximarmos da epistemologia de Ernst Mach é dividindo-a em três eixos estruturais. Uma vez que esses eixos tenham sido introduzidos, buscaremos nos limitar a relação entre percepção e linguagem e aos problemas enxergados por Mach nessa relação.

O primeiro eixo diz respeito a um elo entre a filosofia transcendental de Kant e a condição biológica do corpo humano, unificado no conceito nuclear de *sensação*. O segundo eixo diz respeito a um princípio universal de operacionalização do biológico chamado de *economia*, um traço advindo de um princípio evolucionista que se alastra dos fatores biológicos até as atividades abstratas do espírito, especificamente a lógica e a linguagem, denominada

também como economia do pensamento (*Denkonomie*). O terceiro diz respeito a uma estrutura geral da intencionalidade humana em uma estrutura triádica, base do princípio anti-metafísico de Mach, ao qual pode ser aproximada da concepção de monismo neutro de William James enquanto princípio que evita a dualidade sujeito-objeto na fundamentação do conhecimento⁴.

O primeiro eixo fundamenta-se em um caráter transcendental-fisiológico, um ponto de vista que possui raiz em uma experiência singular da juventude de Mach sobre o conceito de *coisa em si*: “On a bright summer day under the open heaven, the world with my ego suddenly appeared to me as one coherent mass of sensations, only more strongly coherent in the ego” (MACH, 1897, p. 23).

Dessa experiência Mach adquire o conhecimento de que não podemos conceber, com rigor de verdade, a existência de objetos *em si*, nem mesmo podemos conceber a forma discernível dos corpos que percebemos enquanto qualidades da *coisa em si*. Disso, logo concluiu que a estabilidade dos objetos da experiência não está garantida por uma essência transcendente. Os objetos e as formas dos objetos são fenomênicos, porém, respeitando ainda um princípio transcendental, a experiência de objetos é fruto de uma síntese e por isso os objetos são múltiplos compostos, variáveis de acordo com as leis psicológicas de síntese.

Evadindo a posição de Kant e não apenas a naturalizado, Mach toma o conceito de *sensação* como o horizonte final do mundo fenomênico, pelo fato de ser um dado perceptível irreduzível tanto a uma estrutura *em si*, transcendente, como a compostos sintéticos que são os objetos. O resultado é que por essa interpretação se retira de toda a possibilidade da ciência a concepção de objetos enquanto constituintes do mundo transcendente. O que haveria de mais analógico entre o mundo fenomênico e o mundo transcendente estaria na aludida *massa de sensações* experienciada por Mach.

A *sensação*, contudo, pode ter significados que percorrem toda amplitude da experiência; um dado rastreável no aparelho nervoso, um conteúdo perceptivo, e também uma vivência imanente. Exclui-se aqui, evidentemente, qualquer posição metafísica, mantendo-se o método fenomenista ancorado na experiência (MACH, 1897, 30).

Há que se acrescentar um fato importante. A percepção nunca apresenta objetos simples ou reduzidos, ela sempre exhibe totalidades⁵, sintetizadas a partir das *sensações* mas unificadas

⁴ Cerca de sete anos após a edição de *Contribuições à análise da sensação* (1897) de Ernst Mach, W. James publica *Does ‘consciousness’ exist?* (1904), onde postula a tese do monismo neutro.

⁵ Essa não é uma constatação apenas de E. Mach, está presente na tradição dos trabalhos em psicologia que podem ser remontados imediatamente a Stuart Mill e W. Hamilton, mas também até as origens da filosofia moderna com J. Locke (HUSSERL 2012-II).

em *corpos* (*bodies*). Dito de modo concreto, é a mesa quem aparece, e não sensações isoladas de tato e visão.

As reflexões e conclusões de Mach sobre o mundo transcendente e a constituição transcendental modulada em constituição psicológica e fisiológica quer erigir uma crítica que beneficie a ciência, enraizada na capacidade de apreensão perceptiva, ou seja, na base sensível de todo experimento. Nota-se, assim, a construção de uma importante distinção para Mach entre a *sensação* e os *corpos*: esse primeiro sendo requerido como objeto de estudo da física, enquanto que os *corpos* expressariam outras determinações; leis psicológicas de síntese; abstrações; nomes próprios; e demais aptidões e interesses que dirigem associações, etc. A estrutura dos *corpos*, por ter fundamento psicológico (em relação às *sensações* que são conteúdos brutos) possui um grau de efemeridade não descartável em princípio, “esses complexos não são absolutamente permanentes” (MACH, 1897, 2). Porém, sabemos de antemão que a percepção é paramentada em *corpos* e que esses aparecerem para nós sempre com um alto grau de estabilidade e permanência.

A permanência dos *corpos* se assenta em ligações psicológicas de atributos percebidos, o que inclui cores, sons, temperaturas, etc., além das conexões com sentimentos e volições, fatores esses que contribuem para a impressão dos *corpos* em nossa memória, provocando um hábito (MACH, 1897, 27). Além dessa conjunção inicial, há ainda a imputação de um caráter de permanência que é estabelecido de forma que o objeto, mesmo ao sofrer variações, adições, mudanças e decréscimo de suas qualidades de sensação, mantém constante sua unidade. Assim, além de uma receptividade biológica que tende a alocar as sensações em certos compostos, a partir de leis psicofísicas, interferem também leis de força lógica que configuram estabilidade para além dos dados da sensação.

Essa última característica da permanência, claramente lógica, não é encontrada no estado orgânico de nosso corpo e não está de acordo com a multiplicidade das sensações, nem mesmo com a qualidade das sensações, sua força é, portanto, distinta da sensível, embora sempre presente na percepção dos corpos.

Essa ordem da permanência é identificada sobretudo com o pensamento⁶, e seu meio de expressão com a linguagem. A fala ordinária já expressa essa ligação por meio de nomes próprios, designando objetos únicos como imutáveis (MACH, 1897). Ou seja, é ressaltada na

⁶ “É objecto da ciência substituir, ou conservar, experiências, pela reprodução e antecipação de factos no pensamento. A memória está mais à mão do que a experiência e, muitas vezes, tem o mesmo propósito. Esta tarefa económica da ciência, que preenche toda a sua existência, é visível à primeira vista e o seu total reconhecimento faz desaparecer todo o misticismo da ciência.” (MACH *apud* NEWMAN 1988).

linguagem a característica de permanência em detrimento de fatores sensíveis que acompanham os *corpos*. Se um *corpo* relativiza e hierarquiza elementos da *sensação*, a linguagem por sua vez ressalta e restringe a estabilidade e unicidade do objeto, e adiciona ao complexo sensível a noção de que ele é sempre idêntico.

Tal característica imposta pela linguagem geraria uma perda gradativa de contato com o conteúdo dos dados sensíveis que compõe o mundo da experiência, composto de uma infinidade de detalhes e modificações possíveis, entre cores, sons, volumes, odores, etc. A linguagem atuaria, portanto, em um campo de forças contrário à percepção, segundo Mach, devido a influência de um princípio biológico e evolutivo de *economia*: “partly instinctive, partly voluntary and conscious” (MACH, 1897, p. 3).

O princípio da *economia* é tema do segundo eixo estrutural. A *economia* é um princípio vital que tem como base mecanismos impressos na espécie humana, como a busca de prazer e fuga da dor, ou o cálculo do menor esforço⁷. Tal princípio exerceria uma pressão sobre diversas faculdades.

Sua influência sobre a linguagem é o que mais chama a atenção de Mach. A característica dos nomes próprios não deixaria dúvida quanto ao poder desse princípio em nos fazer crer que no objeto nomeado não há variantes, mudanças ou mesmo um contínuo de modificações. Essa relação de identidade e permanência que é representada em um *corpo* de forma unívoca carrega em verdade um grande volume de informações sensíveis⁸.

Junto ao princípio da *economia* encontram-se características abstratas e puramente conceituais associadas à linguagem que tendem a ser interpretadas como pertencentes à autonomia do objeto. Muitas vezes a filosofia entende essas características abstratas como constituintes da essência da realidade, configurando um procedimento metafísico, um caminho que vai em sentido contrário à existência fenomênica do mundo (MACH, 1897, p. 6) e, portanto, cientificamente desamparado, segundo Mach.

Em contexto fenomênico a propriedade lógica e linguística reivindicada têm função de uso e é justificada somente sob requisição de uma necessidade:

Thus, both the earth and a billiard-ball are spheres, if the purpose in hand permits our neglecting deviations from the spherical form, and great precision is not necessary. But when we are obliged to carry on investigations in

⁷ “Essa meta de percorrer um domínio com o menor esforço e representar todos os fatos por meio de um processo do pensamento pode com toda razão ser chamada de econômica.” (MACH *apud* FISETTE 2009, 568).

⁸ “Na reprodução dos acontecimentos em pensamento nunca reproduzimos os acontecimentos por inteiro, mas apenas aquilo que neles é importante para nós, aquilo que se articula directa ou indirectamente com um interesse prático. Ora, as nossas reproduções são invariavelmente abstrações. O que é novamente uma tendência económica.” (MACH *apud* NEWMAN 1988)

ography or microscopy, both bodies cease to be spheres. (MACH, 1897, p. 6)

O exemplo ilustra como a nossa capacidade atencional pode fazer uso de um conceito de modo que o objeto do conceito (a forma esférica) e objetos reais sensíveis (bola de bilhar ou planeta Terra) se tornem semelhantes. Ao mesmo tempo, podemos visualizar como esses recortes abstratos podem nos ser pedagógicos em certos momentos. O erro consistiria em tratar o conceito de esfera enquanto componente existente no objeto.

Um *corpo* sempre contém uma multiplicidade. Porém, um objeto abstrato, o qual a linguagem reivindica, não possui atributos nem contexto sendo, portanto, um objeto ideal e inencontrável na experiência perceptiva. Assim, sempre que indicamos por meio de um nome próprio um objeto, reivindicamos um estatuto absoluto sobre o objeto da percepção visado.

Esse diagnóstico empreendido por Mach ressoa imediatamente sobre a cultura científica do século XIX e o espírito convergente⁹ da época. Mach está criticando a tendência de autonomização da teoria, munida exclusivamente com capacidades dedutivas, amparadas nas qualidades linguísticas destacadas, hipertrofiando, assim, a faculdade que menos compete à ciência¹⁰. Seu engajamento anti-metafísico diante da obsolescência da concepção de *coisa em si* como horizonte científico resulta na adoção completa do fenomenismo enquanto método e princípio fundamental para a ciência, o que fará alterar a relação epistemológica mais tradicional entre sujeito-objeto.

E assim chega-se ao terceiro eixo. Este diz respeito ao fundamento mais geral, tanto do método fenomenista empregado por Mach, quanto de sua concepção epistemológica, um modelo intencional bastante particular ao autor.

Denis Fissette (2009) caracteriza o fundamento epistemológico de Mach do ponto de vista da corporeidade, mais propriamente, Mach organiza a totalidade dos fenômenos sob uma função dos limites espaciais que nosso corpo encerra, o que é expresso pela função *U*:

⁹ Conceito de Thomas Kuhn que ilustra o procedimento da ciência normal, os padrões de consenso e a crença no paradigma adotado (KUHN, 2009).

¹⁰ A posição de Mach a esse respeito esbarra com um amplo problema a que a ciência tenta domar desde sua fundação; a priorização da riqueza dos dados empíricos em disputa com a idealidade dos modelos e teorias, tema que Bachelard (2004) se dedica em sua tese. Reconhecendo não apenas o problema, mas uma impossibilidade de conciliação equilibrada entre ambos, Mach toma partido pela riqueza empírica, um direcionamento incomum, mas que se compartilha com filósofos e físicos que guiariam a ciência do século XX. Na prática, o próprio Mach não aplicou a metodologia e a técnica atômica, então em ascensão: “He made no use of the atomic theory in his own scientific work during his mature years, not even concerning shock waves where the theory might have been useful.” (BLACKMORE, 1985, 299). De acordo com John Blackmore (1985) a influência que Einstein reivindica não é precisa, e a ideia de pensar o mundo físico como um contínuo e não como discreto foi descartada pela física do século XX. No horizonte total da ciência, seu posicionamento ainda poderia ter maiores ressonâncias no século XXI.

É com ajuda dessa função U, que designa a delimitação espacial de nosso próprio corpo, que podemos apresentar de maneira muito simples as relações de dependência entre os elementos e distinguir, de maneira não substancialista, o físico do psíquico. (FISSETTE, 2009, p. 540)

Há, segundo Mach, três elementos referenciais para todos os fenômenos, são eles; a) A, B, C... ou a instanciação de *sensações* e *corpos*. b) K, L, M... ou o complexo que constitui o nosso *próprio corpo*. c) α , β , γ ... volições, imagens da memória e as demais espécies imanentes. (MACH, 1897, p. 8). Cada elemento constitui uma visada, e embora Mach não os nomeie propriamente desse modo, podemos considerá-los intencionalidades, designando objetos intencionais.

Ainda segundo o próprio Mach (1897, p. 8) se combinamos os elementos KLM com α , β , γ caracterizamos a totalidade da esfera que costumamos nomear de *ego*, o que é habitualmente contrastado com ABC, o polo das substâncias transcendentais. Mas da mesma forma, KLM combinado com ABC pode ser tomado como a esfera das substâncias transcendentais, contraposto a α , β , γ enquanto *ego*. Ao invés de usar o termo “intencionalidade”, Mach fala em *elementos*. Cada *elemento* ou combinação deles exerce uma intencionalidade, na medida em que determina um objeto em acordo com sua visada. Fisette (2009) ressalta que esses três *elementos* enumerados fundam a totalidade do campo da ciência; ABC o campo restrito da física, KLM o campo restrito da neurofisiologia, KLM em união com ABC, o campo composto da psicofísica, e α , β , γ as ciências psicológicas (FISSETTE, 2009, p. 541). Acrescentaríamos que α , β , γ em união com KLM cria o campo composto da psicossomática.

Esse *triumvirato* epistemológico tem como objetivo principal ilustrar a impossibilidade de redução de uma visada a outra, ou seja, de uma ciência a outra, demonstrando como a alteração do conteúdo de qualquer elemento pode influenciar o conteúdo dos demais, gerando um ambiente de *co-fundamentação*.

A diferença entre corpos transcendentais, volições e imagens imanentes, nossa propriocepção e a percepção de nós mesmos, são diferenciações de um *ego* que se guia sob propósitos e intenções. Isso não significa que o próprio *ego* seja aquilo que constitui as demais instâncias, o *ego* aparece também como um facho fenomênico. A ontologia - *stricto sensu* - perde seu sentido primordial de diferenciação, visto não existirem realidades objetivas-subjetivas, mas uma pluralidade de instâncias auto-infringentes: “The antithesis of ego and world, sensation (phenomenon) and thing, then vanishes, and we have simply to deal with the *conexion* of the *elements* [...]” (MACH, 1897, p. 11)

Qualquer série de descrições empreendidas será, em última instância, o resultado de um corpo, de uma *psiquê*, de uma pragmática, de uma volição, e assim por diante, porém, sempre com o limite de serem porções coordenadas: “The fact that the different organs of sensation and memory are physically *connected* with, and can be readily *excited* by, one another, is probably the foundation of the ‘psychical unity’.” (MACH, 1897, p. 21)

Um modo fenomenista de descrever a consciência seria caracterizá-la pela alternância de conexões entre cada *elemento*, todos definidos de acordo com a ocasião e os propósitos necessários.

II

A fenomenologia de Edmund Husserl pode ser caracterizada, genericamente, enquanto um contraponto às epistemologias do final do século XIX, com maior destaque ao psicologismo. Mach é citado nominalmente nos *Prolegômenos*, porém, não só ali, observando-se mais atentamente encontramos nas investigações lógicas, em especial na segunda e quarta investigações, argumentos destinados tanto ao conjunto dos problemas psicologistas, como também incidindo indiretamente sobre a posição de Mach, representando o fechamento final dessas questões.

Entre os dois filósofos há uma faixa de coincidências que demandariam investigações ulteriores. Conquanto as diferenças notadas desde a nomenclatura de seus respectivos métodos, fenomênico e fenomenológico, observa-se no interior das investigações lógicas, porém, a construção e diferenciação do método fenomenológico consoante o direcionamento para as questões mais caras a Mach, a linguagem, a significação e a percepção. Será sobretudo na confluência entre a percepção e a significação dos nomes próprios que o fundamento psicologista, o fundamento biológico de Mach, e o fundamento lógico de Husserl serão definitivamente aclarados e diferenciados.

Contudo, o problema epistemológico que os nomes próprios e a linguagem suscitavam vinha de longa data:

O que é, então, ele pergunta, “esse algo em comum que dá a sua significação a um nome universal? Spencer pode apenas dizer que é a semelhança dos sentimentos, e eu objeto: o atributo é precisamente esta semelhança. *Os nomes dos atributos* são, em última solução, nomes para *semelhanças entre as nossas impressões sensíveis* (ou outros sentimentos). Cada nome universal, seja de

tipo abstrato ou concreto, designa ou designa concomitantemente uma ou mais destas semelhanças. (MILL, *apud* HUSSERL, 2012, p. 98)

O caráter universal dos nomes próprios, enquanto atributo uno, distinto do conteúdo da percepção, sempre se apresentou como um entrave para o coroamento final da epistemologia empirista e psicologista. Segundo Husserl, o passo dado por Mill, além de insuficiente, parecia apenas agravar ainda mais a questão. Afinal, o que Mill chama de *semelhança*, ou mesmo, o processo de conotar e denotar uma semelhança? Na continuação da citação Husserl se expressa da seguinte forma: “uma solução peculiar!”.

Ainda segundo Husserl, o problema se aprofunda por Mill não trazer à tona o sentido em que considera a semelhança um existente. Toda semelhança pressupõe uma relação em termos, porém, a *semelhança* que Mill reivindica se encontra relativa a quê? E de que modo ela poderia fornecer estabilidade de espécie e gênero? Mill reivindica para a *semelhança* uma unidade própria, unidade capaz de se manter inalterada mesmo sob a variedade dos objetos percebidos. Novamente Husserl se manifesta: “peculiar autoilusão!” (HUSSERL, 2012, p. 99).

Para Husserl, qualificar a unidade pretendida é o único meio que leva resposta ao problema de Mill, que permanecerá insolúvel enquanto não se alterar o campo metodológico onde o problema é colocado: “Por conseguinte, onde se investigam conceitos, não se deve mais falar como se levássemos a cabo psicologia.” (HUSSERL, 2012, p. 99).

Para Mill o antídoto do problema só pode ser encontrado na natureza do nome universal, não em termos de sua significação, mas por uma percepção correspondente, uma vez que para o psicologista a abstração é construída e fundada diretamente a partir do conteúdo perceptivo. Para o fenomenólogo há que se analisar caso a caso, e para o nome universal interessa antes de outra coisa pôr entre parêntesis sua significação puramente universal, para então descrever e analisar seus traços fundantes, fundados, lógicos ou psicológicos.

A solução de Mill seria qualificar a percepção em sua capacidade de doar um conteúdo abstrato, que por sua vez se desdobre em nomes universais e em *semelhantes*. Essa capacidade é conferida ao ato de atenção, na habilidade perceptiva de repartir ou focar um conteúdo em unidades menores e em notas individuais. Os nomes são associados a essas notas e elas seriam a condição de unidade e estabilidade, seriam o *semelhante* (HUSSERL, 2012, §13).

A solução de Mill se apóia na teoria de W. Hamilton, que advogava serem os objetos percebidos a partir do todo, embora compostos de atributos. Os atributos, por sua vez, apenas se tornam conscientes por meio da atenção sobre os objetos, não sendo válida a relação inversa (HUSSERL, 2012, §13). A capacidade da atenção nos abre uma série restrita de aspectos observáveis nos objetos, onde cada aspecto destacado pode ser nomeado separadamente,

mesmo sem possuir existência autônoma da totalidade do objeto a que pertencem. O nome passa a poder designar duas ordens, a da totalidade do objeto ou de um aspecto desse objeto. Certamente essa segunda qualidade será o ponto onde Mill tentará se apoiar para justificar o caráter universal dos nomes, enquanto designam *semelhantes*.

Já podemos vislumbrar com a teoria de Hamilton, acerca dos modos atencionais, um nível de obstrução que a linguagem poderia implicar à percepção. A percepção de atributos possui uma via normal que parte da percepção da totalidade do objeto em direção a traços particulares. Porém, uma vez que há nomes para todos os objetos e seus atributos, a comunicação linguística passa a operar com ambos sem maiores diferenciações. Temos muitas vezes, primeiramente, um nome, e esse nome dirige e conduz nossa atenção a certos objetos ou a certas porções do objeto. Assim, objetos inteiros podem passar despercebidos, ou mesmo seus atributos podem passar despercebidos, visto que a via de acesso às coisas, através dos nomes, acaba guiando nossa consciência em primeira mão, em detrimento do conteúdo acessível à percepção.

A indicação de Hamilton nesse sentido é a de que o estágio de plena concentração onde um nome é capaz de guiar absolutamente a porção do objeto é sempre temporário, e se dá em um curto intervalo de tempo, haja visto que nossa atenção naturalmente se dispersa a outros aspectos e não se detém por muito tempo em uma única direção. O grau de obstrução admitido não deixa de ser real; porém, não traz implicações tão drásticas quanto as que Mach imputará à linguagem.

Um óbice temporário não é uma característica pouco importante, sabemos que uma série de truques de ilusionismo e mesmo de fraudes e pequenos golpes alcançam sucesso justamente pela característica direcional de nossa atenção.

Retomando o paradigma psicologista, e levantando a hipótese da atenção enquanto meio privilegiado que destaca atributos na forma de um *semelhante*, falta ainda a demonstração de como poderiam ser, através da percepção, fundados os conteúdos abstratos e suas propriedades universais. Ou seja, como um conteúdo plenamente perceptivo e rico em detalhes pode dar lugar a um conteúdo abstrato e virtualmente sem detalhes?

Em termos de classificação, tanto para o psicologismo clássico, quanto para o fenomenismo e para a fenomenologia, os conteúdos abstratos não são qualificados enquanto reais. Husserl os concebe, em sua autonomia, enquanto ideais, inspirado na posição de Gottlob Frege em *Leis Fundamentais da Aritmética* de 1893. Interessando-se mais pela linguagem comum, não enveredando pelo caminho da *Conceitografia*, Husserl interpreta a ação geral da linguagem como o resultado de leis lógicas *a priori*. A fundamentação de Husserl promete

cumprir aquilo que o psicologismo não foi capaz de explicar, o funcionamento da linguagem comum em sua interação com a percepção sem reduzir um ao outro.

Porém, o argumento de Mill paira sob a atmosfera de G. Berkeley, o qual considerava a percepção (do ponto de vista imanente) sempre hábil em refutar a autonomia de qualquer conteúdo abstrato ou lógico puro (BERKELEY, 1973)¹¹. Assim segue até o trabalho de Mach, com alguns incrementos que ainda analisaremos, contudo, falta também esclarecer como a abstração permite os artifícios de comparação entre os objetos.

A comparação, segundo Husserl, é um ato que ajuíza algo entre dois objetos; igualdade, semelhança ou dessemelhança. Objetos idênticos¹² dispensariam comparações. Dois chapéus ao saírem da mesma linha de produção não são idênticos, são iguais e por isso não dispensam comparações. Sendo iguais podemos comparar seus aspectos e encontrar identidades. As cores de ambos os chapéus não são idênticas se comparadas ao olhar microscópico, a forma não é idêntica se olharmos com muito detalhe, mas passam a ser igualadas se comparadas sob a espécie de cor e de forma, à cor ocre e a aba alongada, desse gênero de chapéu. Os chapéus considerados iguais são iguais justamente por conterem espécies idênticas. A comparação não pode abrir mão da correspondência conceitual, seja por espécie, gênero ou universal, que, por estar fora das variações do mundo sensível, pode garantir unidade. Por isso, não fosse o caráter universal dos conceitos, comparações não seriam possíveis (HUSSERL, 2012, §3).

Dizemos, por exemplo, *o mesmo armário, o mesmo casaco, o mesmo chapéu*, onde existem produtos que, trabalhados de acordo com o mesmo modelo, se assemelham perfeitamente, quer dizer, são iguais em tudo aquilo que, em coisas desse tipo, tem interesse para nós. (HUSSERL 2012, p. 94)

A comparação, portanto, não faz nada diferente do artifício lógico de subsumir individuais sob uma espécie. Contudo, persiste ainda a diferença entre o conteúdo das percepções e o conteúdo dos atos e dos conceitos lógicos. A crítica aos recursos lógicos, representado desde Berkeley enquanto uma maquinaria anti-fenomênica, não é suficiente para a fenomenologia, na medida em que os conteúdos lógicos se tornam descritíveis e demonstram propriedades - como as de espécie - sob os mais diferentes propósitos, atuando um papel importante na função comparativa entre objetos.

¹¹ “Para preparar o leitor a mais fácil inteligência do que se segue, convém pôr como introdução alguma coisa sobre a natureza e o abuso da linguagem.” (BERKLEY, 1973, P. 12).

¹² A ponderação de um universal enquanto um *idêntico*, como ponto comum para a comparação, tem filiação conceitual em Frege, como podemos observar na *Conceitografia* (FREGE, 1969), porém Husserl não apresenta uma filiação terminológica ou doutrinária. Contudo a relação entre a doutrina conceitual e ideal de Husserl e Frege demandaria um estudo a parte.

Esse é um bom momento para introduzir o conceito de intencionalidade. Ao compararmos uma coleção de individuais sob o conceito de humanidade, necessitamos ainda de uma acepção em que esse conceito é requerido, desde a forma dos corpos, até valores ou habilidades motoras podem entrar como critério dessa comparação. A tomada de uma acepção, ou mesmo a mudança total do critério de comparação, é uma propriedade intencional distinta do conteúdo dos objetos em disputa. Assim também observou Mach (MACH, 1897, p. 6) quanto ao uso dos termos abstratos e os recortes e modificações que provocam nos objetos da percepção.

Uma vez que parecia amplamente aceito por todos, mesmo para “a antiga tradição”, que a “doutrina dominante apoia-se” (HUSSERL, 2012, p. 94), que os objetos não são iguais nem são idênticos entre si, e não são *o mesmo (a mesma coisa)* como o uso comum da linguagem expressa, todos os objetos da percepção são por eles mesmos diferentes (HUSSERL, 2012, §4) e contém infinitas diferenças específicas, e que a qualidade linguística requerida nos nomes próprios não parecem guardar analogia com as características perceptivas, era consenso admitir que o conteúdo da percepção, aparentemente, se diferenciava do conteúdo linguístico ou significativo. Para o psicologismo essa diferença era de fato meramente aparente, e escondia um processo que transformava o conteúdo perceptivo em dados abstratos.

Para Husserl a percepção carrega somente os termos a serem comparados e não o critério de comparação, sobretudo, as propriedades lógicas ou abstratas independeriam de uma origem perceptiva ou intuitiva qualquer. Essa nova perspectiva do logicismo e da fenomenologia são suficientes para abalar o argumento psicologista estrito, porém, na última década do século XIX, Mach protagoniza ainda algumas críticas possíveis à noção de autonomia das abstrações e dos conteúdos lógicos.

Husserl compreende a percepção enquanto conteúdo intuitivo, e o separa, assim como faz Mach, daqueles de ordem lógica (HUSSERL, 1980, §4). Porém, Husserl também desambigua o conteúdo específico de percepção do conteúdo total que experienciamos do mundo. Mach por sua vez qualifica a percepção enquanto a autêntica e única via da experiência, a igualando com a totalidade do campo da experiência. Ou seja, para Husserl a experiência reúne conteúdos diverso sem os discernir, e Mach tende a interpretar todo o conteúdo da experiência como conteúdo perceptivo. Se por um lado o argumento de Mill e Hamilton já afiguram superados, ainda é cedo para afirmarmos o mesmo de Mach. Por duas razões:

- a) Mach conhecia detalhadamente os limites da percepção.
- b) Há em Mach uma proto-concepção de intencionalidade, por vezes nomeado de *necessidade* (MACH, 1897, p. 6).

Feitas essas observações nos perguntamos também se a fenomenologia, em alguma medida, corrobora a opinião que diz ser a linguagem e o conceito óbices ao conteúdo perceptivo, no sentido de serem momentos que se antepõem ao dado puramente perceptivo ou até mesmo se sobrepõem a eles na constituição da experiência do mundo.

Mach indica que as comparações sublinham atos lógicos que se sobrepõem a percepções. Tais atos diriam mais sobre nossa capacidade lógica do que acerca da forma dos próprios *corpos*. Seu exemplo é bastante claro nesse sentido, ao dizer que a semelhança entre a bola de bilhar e o planeta Terra (MACH, 1897, p. 6) nada oferecem ao conhecimento individual de ambos. Como Husserl interpretaria esse caso?

Antes disso, essa é uma hora apropriada para que nos relembremos de nosso personagem, o calculista Beremiz Samir. A explicação de Samir para suas próprias habilidades vem da conjunção de sua experiência perceptiva com o conhecimento teórico da matemática. Porém, segundo Mach, mesmo o conhecimento teórico, abstrato, é resultado de experiências reiteradas:

If we will keep well in mind that thought by concepts is a reaction-activity which must be thoroughly practised, we shall understand the well-known fact that no one can familiarise himself with mathematics or physics or with any natural science by mere reading without practical exercise. (MACH, 1897, p. 164)

As noções abstratas seriam o resultado de treino e por isso simplificações que se dispõem a serem analiticamente desdobradas em consequências. Porém, essas consequências não são nada mais que as percepções reais.

Para Mach as lições matemáticas que o *dervixe* dera a Samir, foram, elas mesmas, conseguidas apenas pela relação que a matemática detém com as experiências reais, e elas são práticas. Assim, teria sido por se debruçar na percepção dos animais que Samir teria verdadeiramente traduzido e compreendido a matemática. As formações conceituais legítimas seriam essas, que embora simplificadas e simplificadoras, podem e devem ser desdobradas em percepções reais, pois não são nada mais do que fórmulas retiradas de conteúdos da percepção¹³.

Husserl, num primeiro momento, parece fornecer embasamento para os argumentos de Mach quando detalha e separa os sistemas intuitivos e lógicos:

¹³ “O objectivo de todas as operações aritméticas é poupar-nos do trabalho de realizar a enumeração directa através da utilização dos resultados das nossas antigas operações de contagem. O nosso esforço vai no sentido de, uma vez calculado o valor da soma, preservar a sua resposta para usos futuros.” (MACH *apud* NEWMAN, 1988).

É evidente que, em ambos os casos¹⁴, o objetivo de nossa intenção, o elemento objetivo, que é visado e nomeado como sujeito de nossas asserções, é totalmente diferente. Seja qual for a quantidade de objetos iguais em que possamos pensar na intuição ou na comparação, eles e as suas igualdades, não são certamente, no segundo caso, visados. Visado é o “universal”, a unidade ideal, e não esses singulares ou múltiplos. (HUSSERL, 2012, p. 95)

Vê-se no excerto o papel da intencionalidade na determinação de um conteúdo. Da mesma maneira, uma intencionalidade voltada à percepção diferirá daquela intencionalidade voltada ao conceito, mesmo quando compartilham um mesmo objeto. Porém, diferente de Mach, Husserl não deduz disso que a origem da significação do conceito seja o desdobramento de uma fórmula perceptiva do conteúdo intuído. Husserl continua a descrição fenomenológicas deixando por enquanto em suspenso seu fundamento.

A aposta de Mach gira em torno da suposição de que se pudéssemos separar completamente o perceptivo do conceitual em nossa atitude natural não haveria risco algum de nos enganarmos com a linguagem ou com a lógica na conformação subjetiva do mundo. Porém, uma vez que essas intencionalidades se vinculem de maneira rápida e prática, o método requerido deve ser hábil em isolar aquilo que pertença a cada um, e mesmo demonstrar a unidade de fundamento entre ambos quando houver.

Mach descreve o campo autenticamente perceptivo como relativo ao campo puro das sensações, que constitui em sua pureza uma massa indistinta (*mass of sensations*). Porém, a hipótese da massa indistinta de sensações pode ser em grande medida rechaçada por Husserl: “A possibilidade objetiva de conhecer todos os membros do âmbito como iguais entre si também não tem como ajudar em nada; ela não pode dar unidade ao âmbito para o nosso pensamento e conhecimento.” (HUSSERL, 2012, p. 96)

Mais grave do que isso, Husserl identifica na própria concepção de um todo indiferenciado algo contrário ao que fenomenologicamente podemos colher na percepção, inclusive, apoiando-se no trabalho Mach e de Ehrenfels. A massa indistinta é uma hipótese derivada de noções kantianas, sobretudo, da faculdade da sensibilidade. Mach narrava uma vivência onde o percebido - a massa indistinta - já se confundia com objetos puramente ideais derivados das noções que lhe deram inspiração. Afinal, fenomenicamente e fenomenologicamente, haveria um paradoxo em considerar a percepção de uma totalidade

¹⁴ Os casos mencionados dizem respeito a duas classes de vivências intencionais distintas; 1) a percepção intuitiva de igualdades, “cuando conocemos de un golpe su igualdad como tal”, onde os atos de comparação estão implícitos. 2) a apreensão daquele atributo singular que constitui a igualdade, mas o apreendemos como uma unidade ideal, uma espécie. (HUSSERL, 1929-II, p. 120)

indiscernível como uma propriedade típica da percepção. Segundo Husserl, embora Mach já incluísse uma separação entre lógica e intuição, ela ainda não estava rigorosamente estabelecida, sobretudo por não conseguir conceber a percepção como uma classe mista de atos. Mach compreendia a percepção como todo o ato intuitivo¹⁵.

Mach atribui ao lógico uma fundamentação que pertence a esfera fisiológica e econômica do pensamento, uma operação onde os caminhos neurais construídos pela sensibilidade pegam atalhos, em uma *sensory operation* (MACH, 1897, p. 162), onde o fundamento é sempre a percepção. O exemplo clássico dessas construções seriam as fórmulas da física: “the concept of the physicist is a precise and definite *reaction-activity*, which enriches a fact with new sensuous elements.” (MACH, 1897, p. 163).

Ao fim, o ferramental de Mach quer demonstrar a não-autonomia do lógico, e com isso mantém a tese psicologista deixando insolúvel o problema da explicação epistemológica das comparações. Porém, a pressa de Mach em definir o campo da percepção enquanto a totalidade da experiência jogará um importante papel na argumentação de Husserl.

III

A solução do problema da comparação, estagnada por uma disputa entre a origem da abstração, é oferecida primeiramente por Husserl através da análise da constituição dos “círculos de semelhança” (HUSSERL, 2012, p. 97) reivindicados pelo psicologismo, em uma refutação por *reductio ad absurdum*.

Para a tese psicologista um aspecto sensível individual equivale a uma *semelhança*, e uma *semelhança*, por sua vez, é condição suficiente para fundar um círculo de semelhança, ou seja, demarcar uma coleção de objetos onde o aspecto, em sua identidade, se faz presente, e nisso residiria todo seu valor universal.

Os atributos, assim como definidos por Hamilton, são todas as partes componentes de objetos, o que nos faz concluir virtualmente que a quantidade dos atributos superam a quantidade total de objetos no mundo, uma vez que um só objeto contém uma infinidade de atributos.

¹⁵ “Mas já de acordo com as breves exposições do capítulo anterior, poderíamos indicar como uma interpretação fundamentalmente falsa desta situação o querer captar o intuir – entendido no sentido habitual de atos da sensibilidade externa ou interna – como sendo a autêntica função intelectual de superar os limites infelizmente demasiado estreitos daquela função, por meio de recursos indiretos que poupassem a intuição. Esta seria a verdadeira tarefa do pensar conceitual” (HUSSERL, 2012:142)

O que definiria a semelhança ou dessemelhança entre objetos seria uma quantidade de atributos x que designaria um mínimo em semelhança e uma quantidade y que designaria um mínimo em dessemelhança. Uma vez que entre dois objetos haja um valor de x que seja considerado o mais semelhante possível estaríamos o mais próximo da igualdade. Podemos dirigir nossa atenção a cada objeto e destacar atributos comuns que ainda não foram levados em consideração, como também, outras dessemelhanças antes não destacadas. Levando em consideração as propriedades atencionais levantadas por Hamilton, podemos encontrar para cada atributo comum, através de uma mudança atencional, outros atributos que em sua particularidade *micro-atencional* não teria semelhanças em comum com o outro objeto. Podemos concluir que a soma total das diferenças sensíveis presentes no interior de objetos antes tidos como iguais, tendo em vista os incontáveis focos de atenção possíveis, superariam em número aquelas igualdades que antes ajuizaram os mesmos objetos como iguais. Vê-se que o critério meramente estatístico é insuficiente e encerraria uma gama de paradoxos para sua aplicação prática, tendo em vista sobretudo que as comparações permanecem estáveis e não se desfazem apenas com uma contagem (seria necessário ao menos uma mudança do foco de atenção) como concordam Hamilton, Husserl e Mach. Antes de mais nada, a solução estatística de Mill necessita incorporar os ingredientes intencionais e atencionais. Husserl já havia alertado que a comparação não dispensa a consideração de elementos conceituais, o que pode ser ilustrado em um exemplo: em termos visíveis uma lâmpada é enormemente semelhante à sua própria foto em alta resolução. Contudo, uma outra lâmpada, do mesmo gênero, estará mais próxima às cores originais da primeira, por não ter sido impressa em papel de revelação, porém apresentará maiores diferenças específicas quanto a forma. Enquanto permanecemos em apenas um ponto de observação, qual parecerá ser o mais semelhante?

Equacionar a comparação dos atributos por graus de coincidência pontual, atribuindo pontos pelas coincidências e frações pelas diferenças de graus, se tornaria uma tarefa infinita para nossa cognição, pouco econômica, e ainda insuficiente a explicar o que surge fenomenalmente.

O psicologismo deixa de lado aquilo que é mais caro ao problema dos nomes universais e da abstração, que é mostrar como um aspecto, por exemplo, um tom de vermelho, passa a ser considerado como um *vermelho em geral*, ou seja, como o universal é de certo modo retirado do conteúdo singular? Mill, Mach e Husserl diagnosticaram igualmente o problema, mas o resolveram de maneiras diversas; Para Mill a *unidade da semelhança*, ou o caráter universal, é baseado na constância e homogeneidade da percepção de um aspecto sensível, que serve de base para um cálculo mental. Mach diz ser o caráter universal produto da *linguagem*, um

processo de *economia* do pensamento que gera signos enquanto atalho de percepções autênticas onde o conteúdo universal é inautêntico quanto a sua autonomia. Husserl credita à *intencionalidade* o sentido dos fenômenos tanto universais quanto perceptivos, e não vê porque conceder autonomia a apenas uma esfera de fenômenos, sendo que ambos podem ser descritos como contendo qualidades e propriedades exclusivas.

Remontando a lógica dos círculos de semelhança, Husserl nos diz que é inerente à unidade típica dos objetos um jogo de comparações. Nisso, o jogo das semelhanças - independente do fundamento que se queira para eles - é jogado com a participação de objetos lógicos, conceitos, espécies, nomes próprios, ou outro termo que exerça função universal. Para isso é necessário que seja traçado, intencionalmente, um critério, e assim os termos lógicos passam a ser utilizados na mediação comparativa entre os objetos selecionados. Lembrando que os termos ideais são sempre encontrados “anexado a uma intuição fundante” (HUSSERL, 1980, p. 69) mas isso não tem “*nada que ver* com o objeto do ato significativo” (HUSSERL, 1980, p. 69). O que faz uma lâmpada semelhante à sua fotografia é em primeiro lugar uma intenção [perceptiva, prática, ortográfica, etc.] e a partir dela espécies e gêneros por onde se efetuam a comparação.

Uma vez que a posição de Mach e Husserl se aproximam, e Husserl parece levar a cabo muitas considerações deixadas de lado pelo próprio Mach: em que diferiria o juízo desses filósofos quanto a relação entre a linguagem e a percepção?

Husserl não observa uma ligação tão direta entre a linguagem e o princípio de economia, embora não descarte o papel desse princípio na hipótese de ser proveitoso para a compreensão da propriedade abstrativa e universal dos conceitos e dos nomes. Husserl ainda dedica o § 24 do capítulo IV da segunda investigação lógica (Husserl 2012: 141,142) a esse assunto que já havia sido explorado em detalhe no capítulo IX dos *Prolegômenos* (FISSETTE, 2009, p. 565).

O que pode ser atestado fenomenologicamente é o sentido total das expressões nominais, volitivas, ou ainda o sentido geral de um pensamento (HUSSERL, 1929-II, p. 173) expresso em uma proposição. O processo de abstração não pode ser fenomenologicamente descrito, apenas podem ser descritas as propriedades do abstrato e seus resquícios intuitivos.

Assim, Husserl se vê obrigado a conceber pelo menos duas ordens de fenômenos, os intuitivos e os signitivos. Se visamos uma espécie *F* com caráter universal, visamos assim um conteúdo ideal, mesmo que referenciado por uma letra do alfabeto impressa em tinta sobre o papel. Contudo, o indivíduo *F* enquanto matéria visual e perceptiva, reivindica apenas essa intuição e não aquilo que se atrela a ela significativamente.

Com certeza, costumamos considerar como um ideal lógico um espírito que tudo intui; mas isto apenas porque nele, silenciosamente, com o intuir de tudo, introduzimos também o tudo saber, o tudo pensar, o tudo conhecer. Representamo-lo, por conseguinte, como um espírito que não se realiza apenas no mero intuir (vazio de pensamento, mesmo que adequado), mas que também forma categorialmente as suas intuições e as liga sinteticamente, e, então, no assim formado e ligado, encontra o derradeiro preenchimento das suas intenções de pensamento, realizando, com isso, o ideal de tudo conhecer. Por isso, teremos de dizer: o objetivo, o verdadeiro conhecimento, não é a mera intuição, mas, sim, a intuição adequada, formada categorialmente e, assim, a intuição perfeitamente à medida do pensar, ou, ao invés disso, o pensamento que retira a evidência da intuição. (HUSSERL, 2012, p. 142)

IV

Em conferência na cidade de Amsterdã no ano de 1928, Edmund Husserl faz a seguinte observação acerca da criação de seu método fenomenológico: “[...] uma certa radicalização de um método fenomenológico desenvolvido e praticado já anteriormente por certos pesquisadores das ciências da natureza e certos psicólogos.” (FISSETTE, 2009, p. 2)

Dentre os citados “pesquisadores das ciências da natureza e certos psicólogos” figuram três nomes, o de Brentano, bastante conhecido da tradição fenomenológica husserliana, o de Ewald Hering, conhecido por seu trabalho de fisiologista e psicólogo e o do Ernst Mach, um físico de renome e influente filósofo da ciência. Hering e Mach são pouco citados pela tradição fenomenológica, mas igualmente reconhecidos por Husserl como os precursores da fenomenologia.

O que Husserl está a declarar é que a fenomenologia pode ser entendida como continuação, resolução e superação de um grande projeto positivista que enfrentava dificuldades em descrever com coerência a totalidade dos experimentos fenomênicos acumulados. Husserl compreende que o problema tinha sede na concepção epistemológica adotada, não apenas num modelo específico, mas no próprio movimento cultural científico vigente no ocidente, que vinha operando sempre a partir de matizes monistas, como veio a denunciar no texto *A filosofia como ciência de rigor* (HUSSERL, 1952). Dessa análise ampla do movimento fenomenológico é que podemos ver porque E. Mach surge enquanto modelo epistemológico radical e progressivo ao qual Husserl terá que se aliar em um primeiro momento.

A interpretação da máxima “de volta às coisas mesmas” frequentemente negligencia o campo total da experiência que Husserl tem em mente, o que inclui a atitude natural, fenomênica e fenomenológica, sem priorizar percepções ou vivências imanentes, e, incluindo

ao campo total da experiência a autonomia da lógica. A incursão de Husserl ao trabalho de Mach já contém o princípio de suas diferenças, uma vez que Husserl está disposto a dar vazão epistemológica a uma série de fenômenos lógicos que antes eram descritos apenas em conexão de dependência a princípios psicológicos.

Ao longo desse artigo as controvérsias descritas, embora ambientadas na linguagem, disputam uma concepção epistêmica, onde a linguagem acaba por se tornar um campo propício ao embate e não o objeto imediatamente visado. Contudo, em outro sentido, podemos dizer que a concepção epistemológica é quem qualifica junto à capacidade de nossa descrição o lugar que a linguagem deverá ocupar. O diagnóstico husserliano do psicologismo era o de que esse último mantinha barricadas entre nossa capacidade de elaboração linguística e nossa capacidade perceptiva. Ao mesmo tempo em que consideravam um fundamento único para ambos.

Quanto a essa tendência em localizar um fracionamento na continuidade do fundamento monista (distanciando percepção e linguagem) ainda arraigado em Mach, Husserl se coloca da seguinte maneira: a) uma possível obliteração da percepção ou do percebido por parte de funções lógicas e linguísticas não é um argumento suficiente para invalidar a autonomia das funções lógicas e linguísticas enquanto tais; b) uma vez provado a influência das funções signitivas sobre as perceptivas será ainda necessário compreender a relação inversa [das perceptivas sobre as signitivas], e amparar um modelo epistemológico que avalie em que medida essa relação é prejudicial, influi ou permite o acesso a conteúdos perceptivos.

As *Investigações Lógicas* se incubem amplamente do problema, em considerar os modos mistos de nossas faculdades, num quadro onde a concorrência direta entre a linguagem e a percepção, e, portanto, o prejuízo de um sobre o outro, é imediatamente enfraquecido, haja visto que não há relação prioritária ou hierárquica entre ambos.

O quadro geral de nosso cotidiano é entrecortado por estados de coisa e intencionalidades diversas, em meio a um quadro de complexidade entre a caracterização do objeto conhecido e a forma de o conhecer, quadro esse que por si só sugere o oposto do que postula o psicologismo (que a significação oblitera a percepção).

A noção de um óbice de nossa percepção, se ainda quisermos manter o termo, se sustentaria apenas se buscássemos com isso o limite, o alcance, a abrangência e a dimensão de nossos poderes perceptivos, sejam os conhecidos, os pretendidos e os possíveis. A esse respeito Husserl é bastante esclarecedor:

[...] a percepção, enquanto pretende dar-nos o “próprio” objeto, não pretende propriamente com isso ser uma mera intenção, mas antes um ato que pode oferecer preenchimento aos outros, sem que ele próprio precise ainda de um

preenchimento qualquer. Na maioria dos casos e, por exemplo, em todos os casos da percepção “externa”, isso não passa de uma mera pretensão. (HUSSERL, 1980, p. 46)

Os objetos da percepção, por definição, se apresentam sempre “do lado frontal, sombreado e em escorço” (HUSSERL, 1980, p. 46). Podemos daqui inferir que Mach é otimista em relação ao que a percepção pode doar, não dando tanta atenção aos limites das representações fornecidas pelos sentidos.

Nas *Investigação Lógicas* a percepção é caracterizada por sua condicionalidade a um corpo, que por sua vez é suscetível a variáveis do ambiente e de nosso próprio posicionamento, fornecendo muitas vezes representações vagas, escassas, duvidosas e mesmo indeterminadas. Contudo, nossa experiência não é intuitiva “como se” fosse constantemente sombreada, ela aparece “como se” fosse coerente e contínua, o que nos obriga a aceitar que esses contínuos preenchimentos não são fornecidos apenas pela condicionalidade do corpo mas também por atos intencionais:

Fica, assim, claro que esta consciência, mesmo se ela é totalmente não intuitiva, leva necessariamente consigo um certo teor intencional por meio do qual o indivíduo é representado, ainda que não seja significado, não como uma coisa qualquer completamente vazia, mas, sim, como algo determinado e determinável segundo certos tipos (como coisa física, animal, homem etc.). (HUSSERL 2012, p.256)

Assim, embora a ciência necessite reiteradamente de um retorno ao material bruto das percepções, a realização da ciência, segundo Husserl, não depende do expurgo da linguagem, ao contrário, depende também de reiterada análise da constituição intencional do objeto de estudo, adequando progressivamente as intuições em forma de saberes gerais e teorias. Assim, o acesso à objetividade, tão pleiteado pela tradição psicologista como incremento da positividade, não parece estar dado exclusivamente pelos conteúdos perceptivos, e essa correção se mostrará decisiva para a continuidade do modelo psicologista e positivista.

A epistemologia de Mach, que visa superar modelos dualistas, e que de certo modo supera mesmo o monismo neutro de W. James devido aos *elementos* intencionais estruturados de forma combinatória - ao modo de um caleidoscópio de Brewster - não parece assumir completamente suas próprias premissas ao fundamentar a percepção do ponto de vista do psicologismo, enquanto que Husserl, sem pretender tanto avança ao caracterizar as propriedades autônomas da significação e da intuição, impossibilitando uma fundamentação unilateral do conhecimento, seja psicologista ou idealista.

De volta ao início desse artigo, vimos o protagonista Beremiz Samir, primeiramente, a descrever sua aclamada habilidade como o resultado do acúmulo de suas experiências em contar animais na natureza. Momentos mais tarde, seu amigo, que havia escutado sua descrição, passa a considerar essa capacidade como que conduzida unicamente pela experiência psicológica de contar objetos. Beremiz, aparentemente, um indivíduo com acesso fenomenológico privilegiado e gozando de inúmeras aptidões, ao escutar a descrição que seu amigo empreendeu se viu obrigado a descrever uma narrativa diversa, onde seus prodígios passam a contar como o resultado de lições formais de matemática. Observa-se que tanto para Beremiz, como para seu amigo, não está disponível um modo de descrição que possa conciliar essas duas bases de sua formação e o modo como se conciliam. Não parece estar disponível, aos indivíduos falantes, um meio de expressão em sua língua que coadune as duas descrições empreendidas por Beremiz, o que indica faltar uma epistemologia igualmente conciliadora.

As obras que tomamos por base nesse artigo, *Contribuições à análise da sensação* de Ernst Mach e *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl, publicadas com uma diferença de quatro anos, configuram peças importantíssimas de etapas de um modelo em construção, modelo este que pretende superar tanto o dualismo como o monismo, aproximando-se mais a situações complexas envolvidas na cognição, aprendizado e elaboração do conhecimento humano. Contudo, mesmo a hipótese de que possa haver algo que obstrua nossa percepção de mundo não deixou de ser frutífera (mesmo quando falsa), haja visto os inúmeros recursos que a ciência alçou em nome de uma recuperação, correção ou aprimoramento de nossa percepção. Diríamos, a título de finalização, concordando com Husserl, que alçar às consequências mais valiosas do empenho científico requer muito mais do que a percepção é capaz de fornecer, e por isso não se trata mais de procurar por um óbice da percepção, mas de incluir na percepção a ressignificação dos objetos através de atos intencionais.

Referências:

BERKELEY, George. 1974. **Tratado sobre os princípios do conhecimento humano**. Tradução de Antonino Sérgio. São Paulo: Abril S.A Cultural e Industrial.

BLACKMORE, John. 1985. Discussions: an historical note on Ernst Mach. **Brit. J. Phil. Sci.** 36, pp. 299-329.

FISETTE, Denis. 2009. Fenomenologia e fenomenismo em Husserl e Mach. **Scientiæ studia**, São Paulo, v. 7, n. 4, pp. 535-76.

FREGE, Gottlob. 1969. **Sobre a justificação científica de uma conceitografia.** *Funktion, Begriff, Bedeutung*, Vandenhoeck & Ruprecht in Göttingen, pp. 91-97. (Tradução de Luís Henrique dos Santos).

HUSSERL, Edmund. 1929. **Investigaciones Lógicas: Tomo Primero. Prolegómenos a la Lógica Pura.** Madrid: Revista de Occidente. (Trad. Manuel G. Morete e José Gaos).

HUSSERL, Edmund. 2012-II. **Investigações Lógicas: A unidade ideal da espécie e as modernas teorias da abstração.** In _____. 2012. *Investigações Lógicas*. Rio de Janeiro Forense Universitária.

HUSSERL, Edmund. 1929-IV. **Investigación Cuarta: La diferencia entre las significaciones independientes y no-independientes y la idea de la gramática pura.** Madrid: Revista de Occidente. (Trad. Manuel G. Morete e José Gaos).

HUSSERL, Edmund. 1980. **Sexta Investigação: Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento.** São Paulo: Abril Cultural (Trad. Zeljko Loparic e Andréia Maria Altino de Campos Loparic).

HUSSERL, Edmund. 1952. **A filosofia como ciência de rigor.** Coimbra: [s.ed] (Trad. Albin Beau, prefácio de Joaquim de Carvalho). Exemplar: 250910402, biblioteca da UFMG-Fafich.

JAMES, Willian. 1904. Does 'Consciousness' Exist? **The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods**, v. 1 n. 18, pp. 477-491.

KUHN, Thomas S. 2009. **A tensão essencial: tradição e inovação na pesquisa científica.** In: _____. 2009. *A tensão essencial*. São Paulo: Editora Unesp, p. 241-255.

MACH, Ernst. 1897. **Contributions to the analysis of the sensations.** La Salle, Il: Open Court Publishing Company.

MACH, Ernst apud NEWMAN, James Roy. 1988. **The World of Mathematics.** Tempus Publishing, Limited. Tradução disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/economia/traducao.htm>>. Acesso em: 06.08.2014.

SANTOS, José Henrique. 2010. **Do empirismo à fenomenologia: A crítica do psicologismo nas investigações lógicas de Husserl.** São Paulo: Edições Loyola.

TAHAN, Malba. **O homem que calculava.** [s.d/s.ed] Disponível em: <[http://www.coordenacaopedagogica.com.br/file.php/1/PAS_2009/Livro - Malba Tahan - O homem que calculava ilustrado .pdf](http://www.coordenacaopedagogica.com.br/file.php/1/PAS_2009/Livro_-_Malba_Tahan_-_O_homem_que_calculava_ilustrado_.pdf)>. Acesso em: 07.09.2015.